



## RELIGIÃO, VIOLÊNCIA E DIREITOS HUMANOS

### Religion, Violence and Human Rights

Felipe Curcio Ferreira Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Coordenador e Professor do Curso de Teologia, Rua do Rosário – Vila Camargos, Guarulhos – SP,  
felipe.silva@unifaveni.com.br

### INTRODUÇÃO

Este resumo busca apresentar os frutos teórico-práticos colhidos do Fórum de Teologia promovido pelo Interdenominational Theological Center (Atlanta/EUA), o ITC em parceria com algumas instituições de ensino superior no Brasil. Do instituto americano citado acima, quatro professores especialistas de áreas distintas, fizeram-se presentes nos dois dias de Fórum: Jacquelyn Grant, Ph.D., fundadora da teologia chamada “mulherismo”; Willie Goodman, Ph.D., desenvolvedor de um trabalho “masculinista” e da psicologia afro; Carolyn McCrary, Ph.D., que desenvolve uma pesquisa sobre abordagens “mulheristas” ou womanistas (todos filhos e netos de escravos); e ainda, Reginaldo Braga, Ph.D., que desenvolve um trabalho dentro do campo da Religião e Educação, baseado em seus estudos sobre a Pedagogia em Paulo Freire, especificamente, e nas teologias do “modo Latino-Americano de ser”. As pesquisas e conclusões dos palestrantes e debatedores refletiram um estudo abrangente da religião, violência, e direitos humanos.

### MATERIAL E MÉTODOS

No primeiro dia do Fórum, Jacquelyn Grant abordou a princípio numa entrevista, a questão sobre sua teologia chamada “mulherismo” que tem como foco a visão libertadora da mulher negra. Em suas narrativas, Grant expõe um pouco da visão histórica ocorrida com as mulheres negras escravizadas e violentadas por seus senhores brancos e ainda ultrajadas por suas sinhás. Outra narrativa que complementa esta incoerência, entre “aquilo que se acredita e aquilo que se pratica”, é sobre a situação das senhoras brancas que em suas varandas liam as sagradas escrituras e faziam devocionais sem qualquer vestígio de empatia por suas semelhantes, escravas e pretas. Grant, após aprofundar-se nesta questão, pergunta: O que estas senhoras estão lendo? Onde está Deus na leitura delas? Esses e outros discursos como a brilhante participação de Willie Goodman que através da volta às Fontes, trouxe à todos os presentes um certo toque hermenêutico trazendo a explicação de que a cruz que estava em seu próprio broche no lado esquerdo do peito, representava a igreja Copta (da Etiópia) fundada pressupostamente pelo eunuco que, no encontro com Filipe é interrogado pelo mesmo sob a ação do Espírito Santo, que elabora a célebre pergunta cristã: Entendes o que lêis? Narrativas



como estas ouvidas por Jacquelyn Grant em uma das aulas de James Cone, tornaram-se a força motriz de todo legado posterior. Cone, “pai da Teologia da Libertação Negra” dizia: “O racismo é a negação do Evangelho”. Esses e outros fatores impulsionaram Grant, ao profundo mergulho nos livros e em toda pesquisa a fim; recebendo a partir daí, olhar transformador, teologia transformadora e práxis ressignificante! Foi dentro desse contexto, que surgiram as pesquisas e militâncias desenvolvidas contra o racismo, o sexismo, o problema das minorias, como a causa contra a homofobia e a luta de classes, e outros alinhamentos do mulherismo, abrindo caminho para dois outros grandes teólogos afros: Willie Goodman e Carolyn McCrary. Filhos dessa História, vivida “à flor da pele”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fez parte do empenho acadêmico daqueles dias de Conferência, desenvolver propostas libertadoras contra a violência, consequência ou resultado de opressão; esta opressão pode advir de uma pessoa, de um grupo de pessoas, de uma comunidade, congregação, instituição, tradição, etc., mas também de sentimentos, ideias, estruturas, currículos, sistemas de ideias – logo: opressão psicológica, ideológica, religiosa, e espiritual; três grandes áreas foram trazidas à tona: opressão da mulher, opressão étnicoracial e opressão religiosa. A teologia do mulherismo, criada há 30 anos por Jacquelyn Grant, diferentemente do feminismo, parte da compreensão de que mesmo na opressão o “Deus Conosco” está presente, sofrendo com a oprimida, lutando juntamente com ela e contra toda e qualquer opressão extraída dos princípios do Grande Sermão. O masculinismo, aplicável principalmente ao homem negro, mas na verdade, a todo aquele que é oprimido – aponta para a mesma consciência: o Criador está com o (a) oprimido (a) em todas as situações, direcionando-o/a e ajudando-o/a a enfrentar a opressão e vencê-la. Na opressão étnico-racial, Martin Luther King Jr. e outros libertadores seguiram a linha da narrativa de Moisés sobre o êxodo do Egito. Em outras palavras, a verdadeira libertação da opressão se deu e se dá numa atitude-envolvimento do oprimido no relacionamento com o seu semelhante e o Criador.

Segundo os palestrantes, há opressão advinda da religiosidade. Talvez seja mais difícil identificar a opressão religiosa, mas em si ela é uma contradição: a verdade é que liberta, e enquanto não experimentamos essa libertação, não encontramos a verdade. Há ‘libertações’ que, ao invés de promover libertação, operam apenas a transferência para outro opressor, que na maioria dos casos, é mais desumanizante. A Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU afirma que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”;

Os expositores trouxeram uma pluralidade de experiências reais, próprias de suas vivências de libertação ou de terceiros, ilustrando a necessidade primária da Academia fugir de teologias alienantes ( como a Escola de Tübingen, teologia europeia que acabou provocando alienação em massa sob uma suposta supremacia étnico-filosófico-teológica, fazendo-nos distanciar cada vez mais de nosso próprio contexto e realidade, o “chão que pisamos”. Os “ismos” viraram pretextos que acabaram por emudecer a nobre causa do preto, pobre e oprimido na sociedade; a afirmação em Gênesis “Disse Deus [sobre a criação]: Eis que tudo



era bom!” se refere à globalidade, incluindo também àquele (a) que tenha feito algo de “errado”. Essa consciência originária do relato da criação sobre o ser humano leva a uma libertação de muitos sentimentos e emoções negativas opressoras. Assim, qualquer ética ou tradição ou mesmo, ritual religioso que use o erro humano para oprimir o próximo vai contra os Direitos Humanos e o princípio central da religião, que é a regra de ouro cristã: Ame ao seu irmão (ã) como Ele nos amou primeiro!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o centro interpretativo dos debates, conversas, diálogos e contributos que se fizeram no Fórum Teológico, conclui que a Teologia como ciência social aplicada busca – pelos seus métodos científicos (no caso, hermenêutico-teológicos) – “desconstruir as imagens, paradigmas, sofismas e padrões que nos foram transmitidos por intermédio dos espelhos embaçados da Antiguidade” (Francisco Taborda). De fato, fomos contemplados com clarividências no que diz respeito à Cultura Negra: sua história de sofrimento e triunfo, sua afirmação e toda sua riqueza humano-existencial profunda, bem como princípios e caminhos para identificar a opressão em muitas outras áreas da vida humana. O Intercâmbio daqueles dias, trouxe uma atmosfera de expectativa e gratidão, mas também forte memória e reconhecimento dos milhares de sofredores da história, especialmente às pessoas pretas que em nome de uma suposta supremacia étnica, educacional e religiosa, sofreram, sofrem e ainda sofrerão “as dores que um dia o Senhor levou” (cf. Is 53. 4). E, de mãos dadas, a raça humana e a Criação, sentem dores de parto, até que Cristo seja formado na igreja, e que todos (as) cheguem à estatura do humano perfeito, Jesus, a Esperança de um mundo melhor! (cf. Rm 8, 22// Ef 4, 13). Liberdade Já!!!

## AGRADECIMENTOS

A Deus que nos ensina o caminho para a verdadeira religião, e mesmo em tempos tão conflituosos que vivemos, nos permite comunicar as verdades bíblico-teológicas neste pequeno resumo.

A minha esposa, por ser minha base e testemunha. Pelas orações e auxílio.

A UNIFAVENI pela oportunidade de escrever, publicar e compartilhar da pesquisa recente com toda a comunidade acadêmica e público-alvo.

## REFERÊNCIAS



ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FERREIRA, Ricardo Francklin. **Afro-descendente: Identidade em construção**. Rio de Janeiro - RJ: Pallas, 2000.

FREYRE Gilberto. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global, 2005. SILVA, F.C.F. KRUGER, R. A. **Relato Documental do I Fórum do Curso de Teologia da Faculdade Uriel de Almeida Leitão**. Diário de Caratinga, Caratinga, p.7, 26 de maio de 2018.

THORNTON, J. **A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico:1400-1800**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.